

A televisão e a morte

Marguerite Duras, in La vie matérielle.

Tradução de Stella Senra

Começou com a morte de Michel Foucault; Michel Foucault morreu e na televisão no dia seguinte da sua morte, vimos uma reportagem sobre ele dando aula no Collège de France. Não se ouvia quase nada da sua voz, só um crepitar longínquo. Ela estava ali, mas recoberta pela voz do jornalista que dizia que era a voz de Michel Foucault quando da sua aula no Collège de France. E, pouco depois, Orson Welles morreu e foi a mesma coisa. Ouvia-se uma voz muito clara que dizia que aquela voz que estávamos ouvindo, inaudível e longínqua, era a de Orson Welles que acabava de morrer. Ficou sendo a regra depois de toda morte de personalidade, a imagem falante do defunto é recoberta pela do jornalista que diz que o que estamos ouvindo é evidentemente a voz deste ou daquele que acaba de morrer. Um chefe descobriu sem dúvida, que se o jornalista e o defunto falassem juntos, isto economizaria um minuto de antena para falar em seguida, não forçosamente de esporte, não, mas de outras coisas, de coisas diferentes, divertidas, interessantes.

Na França não temos nenhum meio de chegar aos jornalistas pra lhes dizer que não deviam passar antes do

momento preciso do sorriso lúgubre que arvoram com os reféns ao sorriso contente da meteorologia. Não é possível. Pode-se sempre fazer diferente, por exemplo assumir um ar entre dois ares, um ar de nada. Fazer de toda informação um acontecimento insólito, também não é possível, mesmo se é uma exigência dos chefes. Do mesmo modo esta obrigação de bom humor. Você tem de abandoná-la para anunciar tremores de terra, os atentados do Líbano, a morte das pessoas célebres, os acidentes de ônibus, e você passa tão depressa para a informação cômica que já está rindo na informação sobre o ônibus. Então você está ferrado. Não dorme mais de noite. Não sabe mais o que fala. São jornais de televisão do começo ao fim e você pega uma depressão.

Em geral, fora os grandes acontecimentos pontuais, como a morte de gente célebre, o Nobel, os votos no Parlamento, nada acontece na televisão. Falar por falar. Isto é: a partir de qualquer coisa, um cachorro atropelado, relançar o imaginário do homem, de sua leitura criadora do universo, este estranho gênio, tão difundido, isto a partir de um cão atropelado. Falar é outra coisa do que se passa na televisão. É preciso dizer que nós, clientes, compradores de aparelhos de televisão e por isto contribuintes, esperamos muito dos lapsos e outros acidentes da televisão, venham de onde vierem, dos membros do governo ou dos jornalistas

com dez milhões de salário mensal. Chirac dizendo na inauguração do salão do livro de 1984 que lia poesia porque é curto e é portanto o mais indicado para alguém que está sempre pegando avião, ou o tipo que vem anunciar que *Tele-Noir* será difundida à hora tal, porque é a que preferimos.

Eu mesma já ouvi na televisão, a propósito do filme *Hiroshima meu amor*: o célebre filme de Alain René e de Jacqueline Duval. Ouvi também: *A amante inglesa*, estrelado pela célebre atriz Madeleine Barrault. Uma pequena jovem tímida que acabava de ser contratada pela televisão.

Talvez se ouvíssemos o tempo todo uma verdadeira linguagem falada por pessoas sem papel a desempenhar, que falassem entre si das coisas da atualidade, não pudéssemos mais suportá-las na televisão. Elas não seriam suficientemente distanciadas, não seriam marginais o suficiente, verdadeiras demais. Nós ficamos na frente da televisão porque lá se mente obrigatoriamente, quanto ao fundo e quanto à forma. Quando os jornalistas dizem exatamente o que esperamos como na greve milagrosa dos estudantes, em dezembro de 1986, tememos pelos jornalistas. Temos vontade de beijá-los, de lhes escrever. Sua participação ia de encontro à greve e fazia um só com ela. Isto não acontece quase nunca. Aconteceu na França em dezembro de 86. Toda Paris falava disto, tanto quanto da

greve. Uma festa de verdade aqueles jornais, até que Pasqua e Pandraud soltassem os cachorros.